



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**MAYANE DE OLIVEIRA SANTIAGO**

**SEXUALIDADE FEMININA E MAIS ALÉM: UM ESTUDO COM HOMOSSEXUAIS  
FEMININAS QUE MASCULINIZAM SEU CORPO**

**CAMPINA GRANDE-PB**  
**2016**

**MAYANE DE OLIVEIRA SANTIAGO**

**SEXUALIDADE FEMININA E MAIS ALÉM: UM ESTUDO COM HOMOSSEXUAIS  
FEMININAS QUE MASCULINIZAM SEU CORPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título Bacharel e Licenciado em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Jailma Belarmino Souto  
Coorientador: Prof. Dr. Maria Lígia de Aquino Gouveia

**CAMPINA GRANDE-PB  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S235s Santiago, Mayane de Oliveira.  
Sexualidade feminina e mais além [manuscrito] : um estudo com homossexuais femininas que masculinizam o seu corpo / Mayane de Oliveira Santiago. - 2016.  
37 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto, Departamento de Psicologia".

"Co-Orientação: Profa. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia, Departamento de Psicologia".

1. Sexualidade. 2. Enigma feminino. 3. Masculinização do corpo. I. Título.

21. ed. CDD 155.3

MAYANE DE OLIVEIRA SANTIAGO

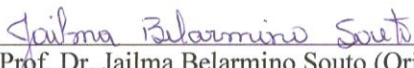
**SEXUALIDADE FEMININA E MAIS ALÉM: UM ESTUDO COM  
HOMOSSEXUAIS FEMININAS QUE MASCULINIZAM SEU CORPO**


Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de  
graduação em Psicologia da  
Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à  
exigência para obtenção do título  
Bacharel e Licenciado em  
Psicologia.


Orientador: Prof. Dr. Jailma Belarmino  
Souto

Aprovada em: 18/10/2016.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Dr. Jailma Belarmino Souto (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Maria Lígia de Aquino Gouveia  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*“Dedico esse trabalho à todas as mulheres...”*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é admitir que houve um momento em que se precisou de alguém; é reconhecer que o homem jamais poderá lograr para si o dom de ser autossuficiente. Ninguém se faz sozinho: sempre é preciso um olhar de apoio, uma palavra de incentivo, um gesto de compreensão, uma atitude de amor.

Nada faria sentido e os obstáculos seriam intransponíveis se não tivesse onde me fortalecer. E essa fortaleza eu encontrei em Deus e em Nossa Senhora, que ouviram meus clamores e me guiaram essa jornada.

Agradeço a minha mãe, Maria José, que tomada pela sabedoria da vida me aconselhou, me consolou, me incentivou e quando necessário me limitou. A ela, que fortaleceu meus passos e caminhos para que eu pudesse construir um caminho próprio. Com ela, eu aprendi a reconhecer a força que (re) surge da fraqueza e que as impossibilidades se superam, que as frustrações não nos imobilizam, apenas nos possibilitam seguir de um modo mais digno, respeitando apenas aquilo que importa: o nosso desejo.

Agradeço aos meus irmãozinhos, Rafinha, Bruce, Gorda e Roberto, que foram por vezes minha válvula de escape, e que, sem pedir nada em troca, sempre estavam lá, felizes e saltitantes, alegrando meus dias de desespero e prontos para dividir comigo meus dias de alegria.

Nesta caminhada, sou muita grata a família Dutra, em especial a Carlindo e a Inez, que no início de tudo me acolheram em sua casa, apoiando e amparando meu sonho. Agradeço aos meus amigos/irmãos, que, a cada momento de desespero, angústia e alegria, se presentificaram na forma mais linda e pura de amor. Obrigada Nadijannia Carvalho, Marcela Pessoa e Rayssa Melo, por dividirem a vida comigo e se tornarem minha família aqui em Campina Grande/PB, vocês estarão para sempre em meu coração torto. Obrigada Máisa Cavalcanti, Marina Luna por, a cada dia, ser para mim, a forma mais bela de amizade e companheirismo, por me apoiar e não deixar que a força e a perseverança faltasse em meus dias de fraqueza, desejo do fundo do meu coração que nossa irmandade dure por anos e anos.

Meus agradecimentos se voltam também para meu namorado Rafael Freire Dutra, que suportou minhas ausências, minhas angústias, e meu desespero. Manteve-se presente desde a elaboração do projeto até a coleta de dados, ajudando e me apoiando. A você meu amor, que estive lado a lado comigo, sendo cúmplice nessa jornada tão grandiosa, que, tão generosamente, fez de meu sonho seu próprio objetivo. A você, Rafael, o porto seguro dos meus medos e dúvidas, o meu muito obrigada! Obrigada por tornar minha jornada mais leve e ser o homem que me faz reinventar a cada dia minhas versões do que é ser uma mulher.

Muito obrigada mestres, por compartilharem saberes tão valiosos, que levarei comigo para a vida. Obrigada Cristina Maia pela oportunidade de adentrar na psicanálise em consonância com a prática no Instituto Neuropsiquiátrico Dr.º Maia. Obrigada pacientes, por me mostrarem que sim, é possível não recuar diante da psicose. Obrigada Márcia Candelária, por, com sua leveza e amor pela profissão, compartilhar a beleza que há por trás da prática hospitalar, proporcionando ainda, a atuação nesta área. Obrigada Maria do Carmo Eulálio pelas supervisões na minha atuação clínica.

Agradeço a banca examinadora formada pela a Dra. Jailma Belarmino Souto, a Dra. Ligia Maria Gouveia e o Dr. Edmundo Gaudêncio, que se despuseram satisfatoriamente a participar dessa etapa junto a mim.

Agradeço a todas as participantes desta pesquisa, que se disponibilizaram e contribuíram grandemente para a concretização do meu sonho.

Meu obrigada especial para a professora Dra Jailma Belarmino Souto, que me orientou e me ensinou a encontrar forças para superar aquilo que eu pensava ser meu limite, e que em meio às dificuldades e à correria, esteve sempre presente com abraços, sorrisos e palavras de apoio e orientação. Obrigada por abraçar com tanto carinho esse desejo de trazer o enigma do feminino para o viés da pesquisa de campo em psicanálise. O trabalho foi árduo, mas o carinho e a confiança com que acolhestes minhas demandas a cada dia, foi alicerçando e fomentando meu desejo. Obrigada por sonhar e caminhar junto comigo, na direção do meu sonho! Que seja só o começo de outras produções. Avante!

A todos, que de alguma forma, contribuíram nessa minha empreitada, meu muito obrigada, cheio de carinho e afeto.

# SEXUALIDADE FEMININA E MAIS ALÉM: UM ESTUDO COM HOMOSSEXUAIS FEMININAS QUE MASCULINIZAM SEU CORPO

Mayane de Oliveira Santiago\*

## RESUMO

A mulher contemporânea conta com inúmeras possibilidades de ser e estar no mundo, mediante isso, este trabalho discute à luz da psicanálise, em Freud e Lacan, o enigma do feminino, e a problemática da sexualidade da mulher homossexual, que procura na masculinização do corpo, sua identificação sexual e social. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida em dois momentos: o primeiro de revisão bibliográfica envolvendo as temáticas do feminino, da homossexualidade e da masculinização do corpo. O segundo, foi desenvolvida uma pesquisa de campo com mulheres homossexuais que se masculinizam. A escolha das participantes deu-se aleatória, respeitando os critérios de inclusão, a saber: Ser mulher, ser homossexual, se masculinizar, ser maior de 18 anos e aceitar participar da pesquisa. Tratou-se de um estudo qualitativo cujo discurso, analisado no respaldo teórico e ético da psicanálise, privilegiou a repetição significativa nas falas das entrevistadas. Lendo no Um a Um, pode-se inferir, nos discursos das mulheres homossexuais entrevistadas, a repetição, dentre outras, de significantes, que remetiam ao enigma do feminino como insolúvel para o sujeito, independente da escolha de orientação sexual. Como resultado também foi identificado a masculinização como uma tentativa de portar o falo no corpo, e com isso, imaginariamente, fazer a relação sexual existir, bem como o “sair do armário” como uma maneira de se “haver” com o encontro com o sexual, traumático para todo falante independentemente de qual seja a escolha frente a partilha dos sexos.

**Palavras-Chave:** Enigma feminino. Masculinização feminina. Sexualidade.

---

\* Aluna de Graduação em Bacharelado e Licenciatura em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
E-mail: mayaneoliveirasantiago@gmail.com



*“Meu corpo não é meu corpo, é ilusão de outro ser. Sabe a arte de esconder-me e é de tal modo sagaz que a mim de mim ele oculta”*

Carlos Drummond de Andrade.

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Desde a descoberta freudiana do inconsciente como a outra cena, que o saber sobre o humano ultrapassa a determinação biológica e a sexualidade está para além do campo da inscrição do corpo dada como natural. Só existe um sexo: o falo, tendo o humano que se haver com a castração. Guiado pela escuta clínica das histéricas, Freud causa grande celeuma em sua época, ao postular a origem da sexualidade na infância e, paralelo a isso apontar como traumático o encontro do sujeito com o sexual (FREUD, [1895]1996).

Lacan, na releitura de Freud, corrobora com esse saber, quando situa o inconsciente estruturando como uma linguagem. Portanto transmitido na pertença cultural e parental de cada ser, via o desejo do desejo do Outro. Nesse sentido, não é o sexo biológico que responde pela escolha de objeto, na partilha dos sexos, mas a posição de castrado ou não frente ao falo e ao gozo (LACAN, 1957-1958/1999).

Se essa escolha é uma questão problemática para todo ser, haja vista que o encontro com o sexual é sempre traumático, torna-se ainda mais complicado do lado da mulher, visto que a mesma é inserida do lado do não-todo, destituída do falo. Nesse sentido, este estudo discute à luz da psicanálise, em Freud e Lacan, o enigma do feminino, a problemática da sexualidade da mulher homossexual, que procura na masculinização do corpo, sua identificação sexual e social. Para a sua realização é feita uma narrativa envolvendo a literatura que trata das temáticas do feminino, da homossexualidade e da masculinização do corpo em Freud e Lacan, ilustrando também tais questões a partir de recortes de uma pesquisa realizada com mulheres homossexuais.

No tocante à realização da pesquisa em psicanálise, nada é passível de controle e replicação experimental, uma vez que ela se propõe a ser um saber do singular, tendo como objeto central de pesquisa as manifestações inconscientes produzidas pelos sujeitos. Diante disso, de forma sumária e em sua originalidade, serão tecidas ideias alusivas a uma investigação sobre a problemática da sexualidade, quanto a relação da mulher que procura na masculinização do corpo, sua identificação sexual e social, levando-se em consideração a multiplicidade e dinamicidade encontradas em tal questão de gênero.

## 1 BREVE APORTE TEÓRICO

### 1.1 A HOMOSSEXUALIDADE FEMININA

A homossexualidade feminina pode ser localizada desde períodos remotos da história. No período grego arcaico ocorriam, em algumas regiões da Grécia, relações entre mulheres mais velhas e garotas similares às relações pederásticas masculinas. Existem vasos da ilha grega de *Thera* que retratam duas mulheres fazendo gestos convidativos uma a outra (LARDINOIS, 1995). A homossexualidade feminina também pode ser analisada a partir da história do próprio surgimento do termo lesbianismo. Nesse sentido, Lardinois (1995) explica que a própria origem da palavra “lésbica” pode possuir ligação com a ilha de *Lesbos*, onde a poetiza Safo, por volta de 600 a.C., escrevia cartas e canções que continham descrições das belezas de garotas. Não há traços de amor físico em suas poesias, porém estas apresentam fragmentos que possibilitam a compreensão de que ela possuía atração física por mulheres. Inicialmente a palavra lésbica era utilizada para as mulheres que moravam em *Lesbos*. A partir do período Clássico conotações eróticas passaram a ser associadas a ela, de modo que é bem provável que a poesia de Safo tenha contribuído para tal mudança. O desenvolvimento dessa palavra pode servir como evidência para as reações à poesia de Safo. Sua poesia foi comparada com a de pederastas da Antiguidade.

Mesmo com todo esse percurso histórico da relação homoafetiva, o termo homossexualidade foi cunhado apenas em 1869 pelo jornalista e advogado húngaro Karol Maria Kertbeny, após a criação, em 1862, do termo Uranismo – em referência ao discurso de Pusânias no Banquete de Platão – pelo jurista alemão Karl Heirnrich Ulrichs. Os dois autores entendiam a homossexualidade como uma condição inata, que se manifestava através de impulsos e desejos. Assim, nova concepção trazida por estes autores e seus conceitos se colocavam em oposição à ideia de “invertido”, que no século XVIII e até meados do século XIX, o termo utilizado para designar homossexuais era a palavra “invertido”, sugerindo que todo homossexual era ‘feminino’ e conseqüente portador de alguma inversão sexual (NUNAN, 2003 apud LARDIONOIS, 2003).

De fato, a sexologia, nova ciência do século XIX, esmerada na tarefa positivista de classificar “tipos” e comportamentos sexuais, contribuiu para produção da homossexualidade como categoria social. O que significou, em grande parte produzi-la enquanto condição patológica. Foucault (2001) afirma que o campo da anomalia se encontra, desde muito cedo, atravessado pelo problema da sexualidade. Em princípio, porque o campo da anomalia será codificado, policiado e analisado através dos fenômenos da herança e da degeneração. Nesse

sentido, Foucault (2001) traz que qualquer avaliação médica e psiquiátrica das funções da reprodução está entrelaçada aos métodos de análise da anomalia, haja vista que no interior do domínio constituído por essa anomalia, serão identificados os distúrbios característicos da anomalia sexual. A anomalia sexual mostra-se, primeiro, como uma série de casos particulares de anomalia. Mas, por volta dos anos 1880-1890, aparece como o princípio etiológico geral da maioria das outras formas de anomalia.

Assim, a homossexualidade, ao invés de ser descrita enquanto uma variante da sexualidade, como, originalmente pretendia Kertbeny, tornou-se, nas mãos de sexólogos pioneiros, tais como Krafft-Ebing, uma descrição médico-moral. Por outro lado, segundo Foucault (2001) a heterossexualidade, até então, precariamente teorizada enquanto termo delineador da norma passa, paulatinamente, a ser empregada ao longo do século XX.

Na contemporaneidade, os atravessamentos das fronteiras de gênero e sexualidade parecem mais frequentes ou talvez sejam, simplesmente, mais visíveis. O fato é que hoje as classificações binárias de masculinidade e feminilidade ou de heterossexualidade e homossexualidade não mais dão conta das possibilidades de práticas e de identidades experimentadas pelos sujeitos. Barros (2014) pontua que há, hoje, um caráter pedagógico e ideológico que se constrói ao longo de qualquer sociedade. Esse caráter pedagógico controla, vigia e, em alguns casos, persegue os “comportamentos desviantes”, os que ameaçam os modelos estéticos de beleza idealizados, as escolhas familiares e sexuais ensinadas num modelo religioso figurado por um casal heterossexual (Adão e Eva). Assiste-se, então, segundo Lomando e Wagner (2009), a uma maior pluralização nas formas de expressão das relações, tanto afetivas quanto de intimidade sexual. Tal movimento é proveniente da retroalimentação das mudanças culturais e históricas dos padrões que regulam as relações sociais. No bojo dessas mudanças, Souza e Carrieri (2010) pontuam que floresce uma crítica acirrada à visão binária do par "homo"/"heterossexualidade", o que torna necessário ponderar criticamente sobre a escolha por uma categoria clínica (implícita no uso do termo "homossexual", por exemplo) em vez de uma categoria exclusivamente política ou cultural.

## **1.2 O SER MULHER EM FREUD E LACAN**

Freud, ao se dispor a ouvir a dor do corpo histórico através da sustentação de uma interrogação para além da fisiologia foi surpreendido pelas revelações dessa escuta. O corpo da histórica aprisionado num enigma particular, apresentou a Freud uma outra cena que a ciência

médica não alcançou decifrar. Foi do enigma do sofrimento feminino que surgiram as pistas para a construção da psicanálise.

Desde o primeiro encontro com as históricas e com a continuidade dos estudos a partir da perspectiva freudiana, que as investigações sobre o feminino se diferem das proposições feministas que reduzem a diferença sexual ao biológico e ao papel social e histórico das relações de gênero. Para Freud, o que se apresenta é uma ausência da inscrição do feminino no inconsciente (FUENTES, 2012). Em *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*, Freud pontua que a falta se inscreve no sujeito a partir de uma experiência infantil traumática, na qual a mulher é vista como castrada e o homem como aquele que deve preservar o que tem, uma vez que corre o risco de perdê-lo. Essa experiência foi pensada e formulada por Freud ([1923]1996) como complexo de castração e complexo de Édipo.

Na *Conferência XXXIII*, Freud ([1933]1996) diz que o abandono da atividade fálica, pela menina, prepara o terreno para a feminilidade. Pode-se dizer que, para ele, o feminino é pensado para além da questão fálica. Foi tomando por base o complexo de castração que Freud elaborou suas construções em relação ao feminino. Consequentemente, a mulher é apresentada como um ser marcado por uma falta, um menos, introduzindo-a, assim, na lógica da incompletude. Essa construção feita por Freud é da ordem do imaginário. Deste modo, Freud identificou três posições diferentes a serem tomadas pela menina diante do encontro com a castração. A primeira se refere a uma negação da castração e da sexualidade. O que Freud em 1932 considerara como uma saída neurótica, de inibição sexual. A segunda seria assumir uma posição masculina, em uma fantasia inconsciente de ser um homem e uma escolha homossexual, o que Freud denominou de Complexo de masculinidade. A terceira posição corresponde à feminilidade propriamente dita em que a menina toma o pai como objeto e deseja ter um filho com ele. Desse modo, há uma substituição do desejo de ter um pênis pelo desejo de ter um bebê (ALBUQUERQUE, 2011).

Conclui-se, então, que a construção teórica da clínica freudiana traz à tona a impossibilidade em se dizer tudo sobre o feminino, reconhece mais uma vez suas limitações diante do campo feminino e acrescenta: “Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes” (FREUD, [1933]1996 p. 134).

Na releitura da teorização freudiana do Édipo, Lacan resalta alguns pontos importantes para a compreensão da feminilidade. Em primeiro lugar, distingue a castração em sua dimensão simbólica, como submissão às leis da linguagem, de sua dimensão imaginária, como temor da emasculação, sentimento de perda ou inferioridade. Define o falo como um significante, ressaltando o papel da linguagem na constituição do sexual no humano, que assim se diferencia da atividade

reprodutiva dos animais. O que o significante fálico instaura é a dessimetria radical entre as posições masculina e feminina: dado que não há dois elementos simbólicos, um para cada sexo, homens e mulheres devem se reportar a um mesmo significante, o falo. A repartição simbólica dos seres sexuados não duplica simplesmente a divisão anatômica, mas organiza duas classes de seres que se referem, de maneiras diferentes, a um mesmo significante (TEIXEIRA, 2009).

Lacan, no primeiro ensino, estabelece uma equivalência entre o falo e a mulher. Desloca o falo de sua função imaginária (imagem do pênis) para os dois sexos, situando-o como o significante do desejo, da falta-a-ser. As relações entre os sexos estarão condicionadas à função do falo conectadas em torno de um ser e de um ter (LACAN, 1958/1998).

Ao reformular o estatuto do falo, Lacan vai articulá-lo a uma falta, própria à sexualidade feminina, revelando a sua verdadeira natureza: a da falta de pênis da mãe (a castração materna). De tal modo, que a criança pode ser identificada e substituída pelo falo que falta à mãe. A função da metáfora paterna seria a de permitir evocar no imaginário do sujeito a significação do falo, ou seja, a inscrição da mãe no lugar da falta, dando para o sujeito a possibilidade de simbolizar, pela via do falo, o que o pai priva a mãe, produzindo um limite. O falo, como significado na metáfora paterna, permite a substituição do Nome-do-Pai pelo Desejo da mãe, humanizando o desejo (LACAN, 1958/1998).

Lacan, no Seminário XX, *Mais, Ainda...*, coloca o gozo feminino separado do domínio fálico e afirma que, “o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo” (LACAN, 1972-1973/1985, p.15). Nessa perspectiva, sobre as implicações do sujeito com o gozo, Albuquerque (2011), enfatiza que o homem, por portar um significante-mestre que delimita o gozo, tem acesso ao gozo do órgão denominado de gozo fálico. A mulher, por sua vez, precisa assumir um lugar de objeto na relação sexual, e só tem acesso ao gozo através do parceiro masculino, mesmo que pela via fantasmática.

No decorrer de seu ensino, Lacan vai empurrar os limites conceituais da posição feminina avançando no sentido de assinalar que a mulher não está toda na função fálica, que seu gozo, quando ela o experimenta, é um gozo êxtimo, em excesso, já que não existe um significante que represente “A mulher” no inconsciente. O amor tem uma importância fundamental para as mulheres, sendo a própria condição de seu gozo. Em *O aturrito*, Lacan (1973/1998) aponta, no entanto, um paradoxo, nesse mesmo ponto: “se é como única que a mulher quer ser reconhecida [...], mesmo que se satisfaça a exigência de amor, o gozo que se tem da mulher a divide, fazendo-a parceira de sua solidão” (LACAN [1973]1998).

Assim, a diferença sexual lacaniana não divide homens de mulheres. Ela situa de um lado o sujeito e, do outro, o objeto, do qual seu destino será sempre o de se separar para nele não se perder.

A questão apresentada por Freud sobre "o que quer a mulher?", foi reformulada por Lacan como "O que quer uma mulher?". Esse reajuste dado por Lacan resultou, para além de uma mudança ortográfica, numa mudança de sentido (ANDRÉ, 1994). Desse modo, o que a teoria psicanalítica nos mostra sobre o feminino é que não há uma verdade para toda mulher, mas que cada mulher deve ser vista de forma singular, considerando a verdade de cada uma, e, como pontua Laurent (2012), uma mulher não nasce mulher. Entre as mulheres, ela se torna 'uma' por uma escolha forçada.

Deste modo, Fuentes (2012), afirma que só é possível falar sobre feminilidades, no plural, pois no feminino não há como pressupor ao conjunto das mulheres uma unidade em si mesmo, haja vista que "tornar-se mulher" é resultado da operação de castração e esta singulariza ao inscrever o sujeito no simbólico. Segundo Teixeira (2009), quando marcada pela falta de um suporte simbólico, cada mulher deve construir sua própria versão da feminilidade e fazer semblante de sua existência.

## **2 METODOLOGIA**

A pesquisa foi de cunho qualitativo, de caráter exploratório. Fizeram parte da pesquisa 6 mulheres, com idades entre 18 e 28 anos, que residiam em Campina Grande-PB. Os critérios de inclusão diziam respeito às mulheres que se nomearam homossexuais, que se masculinizam e que aceitaram participar livremente da pesquisa. Para a coleta dos dados foi utilizada uma ficha de dados sócio demográficos, com questões relativas a: nome, idade, sexo, religião, estado civil, profissão, renda familiar. Na segunda parte, utilizou-se entrevista com roteiro semiestruturado, abarcando temas como o entendimento que as mulheres têm sobre homossexualidade, a relação da mesma com seu corpo, as implicações da sua sexualidade nos diversos segmentos da vida: pessoal, profissional e social, bem como a relação da mulher com o corpo e a sua masculinização.

O Procedimento de coleta de dados se deu com a realização de um primeiro contato com as participantes, em que foi explicada a temática proposta pela pesquisa e seus critérios de inclusão. A partir daí, tendo a candidata à participante da pesquisa, ciência do que o estudo tratava, realizava-se o convite para participar do estudo. Após o consentimento livre e esclarecido, foi acordado com a mesma, dentro de sua disponibilidade, o horário e o local de realização da pesquisa. As entrevistas foram realizadas nas dependências da Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande-PB. Na referida instituição, a participante foi conduzida a um ambiente privado, onde será explicado novamente o objetivo da pesquisa, e as questões éticas que a resguardariam, em seguida a participante foi convidada a assinar três vias

do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, ficou uma com a mesma, uma com o pesquisador e uma na instituição. Devidamente cumpridas às questões éticas, deu-se início ao preenchimento da ficha sócio demográfica e a entrevista semiestruturada.

A análise do discurso foi feita no respaldo teórico e ético da psicanálise, privilegiando-se a repetição significativa nas falas das entrevistadas. Na pesquisa qualitativa, pela via da psicanálise, trabalha-se com o universo dos significantes que se repetem no discurso dos sujeitos e que para esses efetiva-se uma construção de significados extraída da repetição significativa. A leitura em psicanálise esteve amparada no modelo teórico desenvolvido por Freud e Lacan, haja vista que a psicanálise, desde sua origem se configurou como uma análise do discurso, como disse Lacan (2003) a psicanálise verdadeira tem seu fundamento na relação do homem com a fala.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual da Paraíba e contou com o parecer de aprovação nº57519816.8.0000.5187. Assim, este estudo foi estruturado e conduzido de acordo com a fundamentação teórica estruturada atendendo as exigências protocolares do CEP-UEPB mediante a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde RESOLUÇÃO/UEPB/CONSEPE/10/2001 que rege e disciplina do CEP. Com a autorização do projeto pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba, segundo a resolução 466/12, deu-se a busca aleatória das participantes e procedimento para coleta.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Neste estudo, embasado pela teoria psicanalítica, abordou-se mulheres homossexuais, entre 18 e 28 anos, na escuta do singular dos significantes repetidos nos discursos das entrevistadas, ressalta-se três eixos que nortearam esse trabalho: O enigma do feminino; O travestir-se no masculino; “O Sair do armário”

As seis participantes foram nomeadas por nomes fictícios de modo a não revelar suas respectivas identidades. A tabela 1 abaixo ilustra o perfil sócio – demográfico das participantes.

**Tabela 1:** Apresentação dos dados sócio demográficos das mulheres entrevistadas:

<b>MULHERES</b>	<b>IDADE</b>	<b>SEXO</b>	<b>ORIENTAÇÃO SEXUAL</b>	<b>PROFISSÃO</b>
<b>Tereza</b>	<b>22</b>	<b>F</b>	<b>Lésbica</b>	<b>Estudante</b>
<b>Carla</b>	<b>28</b>	<b>F</b>	<b>Lésbica</b>	<b>Téc. de enfermagem</b>
<b>Luiza</b>	<b>25</b>	<b>F</b>	<b>Lésbica</b>	<b>Estudante</b>
<b>Luciana</b>	<b>22</b>	<b>F</b>	<b>Homossexual</b>	<b>Estudante</b>
<b>Carol</b>	<b>18</b>	<b>F</b>	<b>Homoafetiva</b>	<b>Estudante</b>
<b>Michele</b>	<b>20</b>	<b>F</b>	<b>Homossexual</b>	<b>Estudante</b>

*Tabela 1: Dados coletados a partir da entrevista sócio demográfica realizada com as seis participantes da pesquisa.*

## **4 EIXOS**

### **4.1 O ENIGMA DO FEMININO**

O feminino se constitui como enigma insolúvel para essas mulheres, independentemente de suas escolhas de objeto sexual estarem dirigidas para uma outra mulher. E nesse sentido foi destacado que mesmo numa relação de simetria biológica, há uma alteridade, funções e lugares subjetivos de parceria, mas sempre preservando o passivo e o ativo na relação; as mesmas deixaram claro a preferência por mulheres bem “mulherzinhas”. Deste modo, o feminino se encontra para a psicanálise, portanto, enquanto enigma insolúvel. Como o desejo, a feminilidade escapa às palavras, e a mulher nada mais faz senão ornamentar esse vazio, mascarando a falta e a ausência de um traço consistente que lhe assegure uma identificação; faz isso através de adornos que margeiam o furo: penteado, joias, roupas...

A mulher encarna, assim, a falta sob um duplo ponto de vista: por um lado, a nível imaginário, ela é o que não tem; por outro lado, a nível simbólico, “mulher” é uma palavra cuja referência é faltosa. Ela é, pois, o símbolo da falta (LACAN, 1976, p. 34). Deste modo, a feminilidade tem um quê de enigmático; por não poder ser totalmente contida na significação fálica que organiza a sexualidade masculina, se constrói à custa de reivindicação e artifícios imaginários, recursos que redundam em uma lógica muito peculiar em termos de desejo e gozo.



Desse modo, o que nos mostra a teoria psicanalítica sobre o feminino é que não há uma verdade para toda mulher, mas que cada mulher deve ser vista de forma singular considerando a verdade de cada uma, e com pontua Laurent (2012) uma mulher não nasce mulher. Entre as mulheres, ela se torna 'uma' por uma escolha forçada: a escolha de ocupar a posição de causa, em uma solidão particular, pois, esteja ela ou não acompanhada por um parceiro, uma mulher não pode apoiar-se sobre um modelo universal. Ela permanece sozinha em sua relação com seu gozo.

**Tereza:** *“eu tenho essa aparência de menino, mas a intenção não é passar por menino, é apenas me vestir do jeito que eu gosto. (...) como eu não conseguia expressar o que eu tinha por dentro a partir das vestes, eu tinha que expressar de alguma forma, eu era grossa, eu tentava mostrar que era mais masculina, hoje eu sou bem mais tranquila, consegui expressar de outra forma, através das roupas e do cabelo e meu jeito não é agressivo como era antes (...) embora eu parecesse feminina na aparência eu tinha que ter algum traço que não fosse feminino, então eu adotava esse tipo de personalidade que não é mais necessário hoje em dia”*

**Luiza:** *“Tirando pela massa, as mulheres são femininas, o jeito de andar, de se portar. Coisas que a sociedade impõe. Mulher não pode isso ou aquilo, não chama palavrão, não pode sentar de perna aberta, essas coisinhas. E eu me identifico com o lado masculino, eu chamo palavrão, eu uso o que eu quero, falo o que eu quero (...) tem meninas que se olham no espelho e rejeitam os seios, rejeitam os traços femininos. Eu não. Eu gosto. Gosto de como eu sou, não mudaria. Não tiraria seio nada do tipo”*

A mulher, por não possuir o falo, ela se faz objeto fálico, no corpo, nas vestes, nas atitudes. Deste modo, Fuentes (2009), afirma que só é possível falar sobre feminilidades, no plural, pois no feminino não há como pressupor ao conjunto das mulheres uma unidade em si mesmo, haja vista que “tornar-se mulher”, é resultado da operação de castração, singulariza ao inscrever o sujeito no simbólico, e, segundo Teixeira (2009), quando marcada pela falta de um suporte simbólico, cada mulher deve construir sua própria versão da feminilidade e fazer semblante de sua existência, como fazem essas mulheres no travestir-se no masculino.

## 4.2 O TRAVESTIR-SE NO MASCULINO

A masculinização do corpo, vem expressar, mediante os discursos, uma saída imaginária de portar o falo, de sair do lugar da falta, querem ser uma mulher com poderes corporais a mais que os homens. Não abrem mão do ser mulher, haja vista que gostam das insígnias corporais pertinentes a uma mulher; uma mulher com seios e músculos à mostra; uma mulher que sabe como fazer para se proteger e para gozar, que pode até em alguns momentos escolher um homem como parceiro

sexual. O que nos faz inferir que o transvestir-se de homem é uma tentativa de portar o falo no corpo, e com isso, imaginariamente, fazer a relação sexual existir.

**Luiza:** *“Minha mãe já tinha mais receio, ela falava que era coisa de menino, brincadeira de menino que eu parecia um menino (...) nunca usei calça apertada, quando vim usar calça com legim ou jeans mais justo já tinha 19 anos. Sempre usei camiseta, calça folgada, tênis. Não é uma coisa que eu procuro saber? Tipo, ah eu quero um tênis que seja mais masculino (...) não é aquela coisa, tipo por ser lésbica tem que usar calça folgada, andar igual a um homem. Eu visto o que eu gosto o que me sinto bem (...) se quiser fazer a unha eu faço, se quiser usar uma calça apertada uso, mas aquelas blusas cheias de babados, brincar de boneca, de casinha, nunca quis isso”*

**Luciana:** *“Minhas amigas vieram me dizer que meu jeito sempre foi muito masculino, elas sempre diziam “tu é um macho direitinho!” todo mundo dizia (...) meu jeito de falar e de agir. Eu cheguei e beijei e acabou. Ela disse que já sentia alguma coisa mas também não entendia.*

*Depois eu me senti aliviada e feliz (..) eu sou satisfeita com meu corpo, comigo mesma. Tive relação sexual com homem e com mulher e foi bom, mas com a mulher eu senti algo diferente. Bem diferente”!*

No decorrer de seu ensino, segundo Galesi (2012), Lacan vai empurrar os limites conceituais da posição feminina avançando no sentido de assinalar que a mulher não está toda na função fálica, que seu gozo, quando ela o experimenta, é um gozo êxtimo, em excesso, já que não existe um significante que represente A mulher no inconsciente.

**Carol:** *“Eu não vejo que coisas masculinas pela sociedade são realmente masculinas. Acho que todos podem usar o que quiserem, se tá na sessão masculina ou feminina. O cabelo mesmo eu cortei aos 15. Minha madrasta não queria que eu cortasse, era grande e loiro. Eu me senti melhor, minha autoestima melhorou. O cabelo esconde o rosto e tal, e querendo ou não as pessoas ligam a personalidade ao cabelo. Nunca gostei de ter o cabelo grande”!*

Caldas (2013) diz que a mulher como complementar ao homem não existe. Desse lado em que se espera um saber que escreva uma relação de oposição, de proporção, complementar ao desejo do sujeito, a escrita falha. Não há uma fórmula matemática que valha para todos como no universal da ciência. A relação sexual não existe e “A” mulher não se escreve da mesma forma para todos. Para cada sujeito, de forma singular, uma borda que não existe no corpo é traçada, e nela objetos, muitas vezes supostos como pessoas, podem se encaixar e sustentar uma ficção de complementaridade. O enigma de como obter seu complemento é o enigma da mulher e nesse sentido todos os sujeitos são desafiados por ele. Tanto os homens como as mulheres têm que se haver com a questão do que é uma mulher. No caso das ditas mulheres, vive-se o paradoxo de ser Outra para si mesma.

**Luciana:** *“depois que comecei a namorar com ela, o povo acha muito o cavalheirismo do homem em mim. Mais bruta também. Veja, eu assumi uma filha de uma pessoa que estava comigo, me traiu e eu assumi a filha dela. Eu acho isso uma atitude de homem (...) eu gosto de mim do jeito que sou. Eu não sinto vontade de tirar seio, tomar hormônio. Gosto do jeito que sou. É uma postura masculina, mas eu gosto de ser mulher”.*

Dunker (2016), aponta que Lacan, formaliza a teoria da sexuação em três dimensões distintas em sua teoria da sexuação, Destas, cabe aqui discorrer acerca da segunda dimensão, onde ele distingue dois tipos de gozo: o masculino e o feminino. São distintos e não comensuráveis entre si. Juntos não formam um, daí a premissa de que a relação sexual não existe. O gozo masculino é organizado por uma gramática entre regra e exceção, entre o universal e o existencial. Ele tende a articular uma experiência de satisfação de acordo com a pertinência com o grupo homens. “Sou homem porque pertenço a esse grupo”, e esse grupo é fundado a partir de uma exceção, uma exceção mítica, uma espécie de super-homem, pai de todos, da ordem primitiva. Acesso ao gozo miticamente com todos. Uma forma de profantasia, que permite para o “lado homem” fazer gozo. Será sempre gozo fálico, gozo limitado pela falta, gozo dado pelo significante, gozo parcial.

**Carol:** *“Eu convivi sempre com meninos, meu irmão e dois primos. As pessoas me pressionavam para ser feminina. Ficavam falando para usar isso ou aquilo que eu ia me sentir melhor, mas nunca me senti melhor com aquilo. Eu não gosto mesmo. Nunca gostei daquelas coisas rosas, rendadas, etc. (...) gosto de ser mulher, eu sou eu hoje, sou feliz assim”.*

O gozo feminino não se dá entre universal e a exceção. Para Dunker (2016) é um gozo que se dá pelo não todo. Um gozo não todo fálico, exprime um gozo para além do corpo, que não faz unidade, não entra na linguagem. Ele conjectura a existência desse gozo como gozo baseado na contingência e na possibilidade. As mulheres estão sujeitas a duas possibilidades de gozo: elas pertencem ao lado homem, pois tem acesso ao gozo fálico, e algumas gozam no gozo não todo, o gozo feminino. Enquanto isso, os homens estão totalmente identificados do lado do gozo fálico. Eles estão às voltas com a excepcionalidade, e com o se identificar com o lugar da exceção. A mulher se constitui pela lógica radical, irreduzível, que não cabe em nenhum grupo, a lógica não é: existe o grupo das mulheres. A mulher não existe. Não existe esse grupo como função de produção de gozo. Cada mulher se inventa, se constrói a partir de sua diferença radical para com todas as outras mulheres. Um processo de contraindicação, uma separação mais radical que se tem no lado homem.

**Michele:** *“A única coisa que eu sei é que eu sou mulher e que gosto de ser mulher. Por mais que eu não seja vaidosa, o que tem a ver com eu estar bem comigo (...) estava andando no centro com um amigo meu, e tinha a barbearia, e ele falou oh, corto meu cabelo aqui, só cortes masculinos. E aí eu falei, vamos acho que eles cortam o meu. E meu amigo falou ãn? E eu entrei, só tinha homem lá, mas eu falei que queria cortar meu cabelo. Me senti sim, foi uma sensação de liberdade “ah meu Deus” (...) para mim hoje está sendo libertário, sinto que posso me conhecer. Me sinto bem como eu sou e é isso”*

Para a mulher, seu corpo não é suficiente como garantia de acesso à posição feminina. Como ser da linguagem, ela não tem, assim como o homem, a receita pronta de uma sexualidade conforme a natureza. Porém, segundo Teixeira (2009), ao contrário de seu parceiro, que encontra a garantia de sua posição de homem em um elemento da própria linguagem, ela se ressentida por não encontrar, como ele, um elemento simbólico que confirme sua condição de ser sexuado. Com Lacan, aprendemos que um corpo é feito tanto para gozar quanto para ser gozado, ou seja, um corpo goza de si mesmo, como de um objeto, uma vez que o objeto instaura os objetos possíveis para um sujeito e é o olhar que o Outro devolve ao sujeito que possibilita a construção de uma imagem.

Na teoria da sexuação de Lacan, tem-se também a questão da fantasia, da economia fálica, ou como o homem toma a mulher e a mulher toma o homem. Ele diz que o gozo entre eles não faz unidade. Deste modo, Dunker (2016) aponta que existem modos de subjetivação, onde a mulher pode se instalar excessivamente do lado homem, se identificar excessivamente para o seu gozo, com essa lógica de produção, a exceção. Aí se encontra a posição histórica, uma forma de se colocar em relação ao gozo e recusar o gozo propriamente feminino.

**Carla:** *“nas brincadeiras querer ser o pai, jogar bola, correr na rua, soltar pipa, sempre me identificando com essa questão mais masculina mesmo (...) por ser a mais velha sempre saí muito com meu pai para coisas de homem, tipo jogar bola, ele não tinha um menino, e eu ia com ele, andar de bicicleta, comprar sapato, a gente comprava o mesmo sapato, igual ao dele. Não estou dizendo que foi uma influência, foram coisas que já eram de mim, se não fosse eu não teria aceitado, eu teria dito que queria ficar em casa, que queria coisas de meninas (...) eu digo a minha mãe que eu nasci dois em um, meu pai queria um menino e ela uma menina. Pronto nasci dois em um” (...) nos meus relacionamentos sou muito ativa, no sentido de paquerar, de ir atrás. Eu tomo o primeiro passo. Eu sou mais ágil, mas direta. Mulher tem isso de ser mais delicada e tal, eu não sou assim. (...) eu sou uma pessoa bem flex, me visto em casa com roupas masculinas, shorts folgados e tal, serviços de casa como trocar uma tomada, uma lâmpada. Minha mãe as vezes diz “chama teu pai p fazer isso ou aquilo” e eu digo logo, não, eu sei, e ela diz “pronto, só quer ser o homem da casa” e eu digo “ahh mulher, se eu sei fazer eu faço!” Eu odeio serviço de casa como lavar, fazer*

*comida, faxina, faço o que tem que ser feito por questão de ajudar, tipo, eu sou mulher (...) mas eu sempre assumi esse lugar de tipo, carregar carroça, fazer trabalho pesado mesmo. ”*

Para Lacan, (1993) o sujeito do inconsciente só toca na alma por meio do corpo, introduzindo aí o pensamento: desta vez contradizendo Aristóteles. O homem não pensa com sua alma, como o filósofo imagina.

**Tereza:** *“desde muito cedo eu queria cortar o cabelo, ele era grande, abaixo da cintura, e era como se ele não pertencesse a mim, estivesse ali, mas não fosse meu. A mesma coisa era com as roupas, eu estava vestindo elas, mas elas não se encaixavam com o que eu sentia e como eu me sentia. (...) mas houve ocasiões que eu cheguei a pensar que era melhor ser menino, e não era porque eu queria ser menino, mas porque eu me sentia triste do modo como as pessoas me viam. ”*

**Carla:** *Antes quando eu vestia roupas femininas, eu tinha vontade de mudar, seja o que fosse, e aí minha voz mudou naturalmente. Eu comecei a usar aquele dreds no cabelo, usava roupas folgadas, meio rips. Nunca gostei de usar roupas justas, vestidos, etc. (...) não me vejo de cabelo grande, com maquiagem, com roupas de meninas. (...) na minha adolescência quando eu ia comprar uma roupa eu sempre ia pelo lado masculino, mas como não tinha nada que servisse em mim eu ia para o lado feminino, mas nunca aqueles decotes, justos, saias, nada disso. Eu adotei um estilo rip. Não era por modinha. Eu não me sentia bem. Não é uma coisa tipo, não, não quero. Eu não me sinto bem mesmo. Aí ano retrasado eu coloquei os dreds e me olhei e me olhava e dizia “caramba véi, essa sou eu!”*

**Michele:** *“Tem gente que fala, olhei para ti e percebi que tu era lésbica (...) às vezes eu sou meio grossa mesmo. Eu sempre quis ter o cabelo curto, mas minha mãe sempre falava, faça tudo mas deixe seu cabelo grande, o mais curto que tive foi Chanel, e aí quando eu vim para cá comecei a cuidar das minhas coisas e não ter que pedir ou falar tudo que fazia para ela. Já está enorme e eu já estou louca para cortar (...) eu hoje, independentemente de estar de short ou bermuda, me sinto bem, posso ser quem eu quiser, quando eu tinha o cabelo grande eu não me sentia assim. Sempre quis cortar (..) Eu mesmo de cabelo grande eu me vestia de roupas masculinas, eu era masculina mesmo de cabelo grande. Eu nem tinha ficado com menina ainda, e já era taxada de sapatona. ”*

Deste modo, a questão que se articula à mulher é o corpo nessa condição do mais de gozar, frente à qual a Psicanálise esforça-se para introduzir a ética do desejo, pois a mulher pode se atrelar aos aparelhos, medicamentos, vestimentas e até cirurgias em excesso, não como recursos que estão aí para beneficiá-la, mas como uma forma de atingir um ideal, numa perspectiva fálica.

#### **4.3 O “SAIR DO ARMÁRIO”**

O momento de decisão de escolha de orientação sexual, conhecido no senso comum

para os homossexuais como “sair do armário”, foi um momento peculiar para a escolha de qualquer púbere no encontro com o sexual, com dúvidas e receios frente ao desejo desconhecido. Tarpey (2016) discute, no texto intitulado “Sair do armário”, a forma mais ampla e complexa, que o próprio termo por si só, socialmente, representa, no que concerne a comunicação acerca da orientação sexual de uma pessoa. Ela aponta para um sair do armário como um estabelecimento de uma posição dentro/fora. E, sob a ótica de Judith Butler, complementa que seria sair do silêncio da invisível do armário da homossexual/bissexual, sair é, por tanto, inclinar-se a produção da dicotomia dentro/fora, a fim de manter-se fora, uma posição que desafia a instabilidade fluída da identidade e orientação sexual.

**Luciana:** *“Eu descobri eu tinha 18 anos (...) foi estranho pra caramba, começou a rolar quando eu ainda estava namorando e eu fui negando. Fui sentindo uma coisa diferente com ela e ficava negando para mim mesma. Eu sempre fiquei com meninos, nunca senti vontade de ficar com meninas. Quando comecei a namorar com ele e conheci ela, a descoberta de tudo, tudo mesmo, foi com ela. ”*

**Carol:** *“Antes eu nem sabia que era homossexual e eu não quis participar da festa de terceiro ano, na minha cidade tinha muito preconceito, e eu não queria ir de vestido, se eu fosse de terno eu creio que eles não me deixariam entrar, aí para evitar eu não fui”*

**Michele:** *“uns 8 anos, eu sempre tive mais amigos homens. Hoje é assim também. Mas na infância tinha aquela coisa de brincadeira de menino e de menina, e eu não me sentia bem com nenhum. Os meninos eu achava uns bobões, e as meninas umas frescas (...). Quando eu me assumi lésbica para minha mãe, que minha cabeça estava confusa, foi uma coisa para me aceitar também. Eu me impedia de sentir atração por uma menina e mais ainda de estar apaixonada (...) quando eu percebi que estava apaixonada por uma menina eu parei e refleti, e lembrei que tinha amigas minhas que eu sentia ciúme mesmo, teve um episódio que ficou bem marcado mesmo, estava na piscina, a gente morava no mesmo prédio, e ela estava fazendo amizade com essa outra menina no colégio, até hoje somos amigas, nos conhecemos há 14 anos. Mas nesse episódio eu fiquei com tanto ciúme dela que saí da piscina chorando, não lembro o que foi exatamente, sei que me marcou, e aí na tentativa de tentar entender o que estava acontecendo comigo na adolescência, se já tinha acontecido antes, dessa paixão por uma mulher, eu lembrei disso”*

Sobre o termo “sair do armário”, pode-se dizer que desde a obra, o “inconsciente e a sexualidade” já se rompia com a dicotomia dentro/fora, mostrando que vai além, para a psicanálise, o “sair do armário” tanto em Freud, como na orientação lacaniana de Jacques-Alain Miller, no século XXI, essa construção se dá, no primeiro pela via no discurso da associação livre, no segundo no sublinhar o real do gozo na fala. O “sair” para a psicanálise, não é fixado pela linguagem, nem aponta para a unidade do corpo, amarrando-a a uma dada

identidade, Tarpey (2016) esclarece que, é ao contrario disto, a psicanálise traz o concernido como “sair” traz, à luz um processo de tornar-se corpo renovando então a identidade do gozo, no encontro com a entidade do gozo do real.

**Luiza:** *“Eu sentia medo do pessoal descobrir e do que iam falar. Eu não falei tipo, meu deus, sou lésbica e agora. Foi tranquilo. Eu fiquei com a menina, depois com um menino, depois com ela novamente e depois com ele, nessa vez que fiquei com ele já não bateu nada mais. E eu saquei que não gosto de homem, tipo, me libertei sabe (...) agora podem me chamar do que quiser que eu realmente sou (...) a sapatona, maria homem, meu jeito masculino. Não teve conflito, o conflito era antes, tipo, eu não fico com meninas, e porque eles tão me chamando disso”*

Deste modo, Miller (2015, apud por Tarpey 2016) inicia com o *falasser* singular e sua relação com o corpo, onde, esse corpo falante, pertence ao real. É o corpo no ato do “dizer”. Logo, a compreensão psicanalítica, é aquela de um ato de ‘dizer’ com o corpo, este, por sua vez, produz um acontecimento singular a cada sujeito. “Sair do armário” é, para Tarpey (2016) um ato de fala significativa, que a psicanálise esclarece melhor por meio da singularidade irreduzível do modo de um modo de gozo.

**Carla:** *“desde pequena tinha esses traços, tipo, de ter mais amizade com meninas, mas não por gostar de brincar de coisas de meninas, eu nem gostava, mas de achar elas bonitas, querer ficar perto delas, de ser uma parte masculina no meio delas. (...) me descobri aos 16, percebi que gostava de meninas, eu acabei de apaixonando por uma amiga. ”*

**Tereza:** *“com 8 anos eu já percebia que eu era diferente das minhas amiguinhas, elas gostavam de brincar de boneca e usar saias, eu odiava saias e vestidos. Mas eu não fazia a menor ideia do que estava acontecendo, só me sentia diferente. Não gostava de coisas femininas. Aos me vi apaixonada por minha melhor amiga, senti ciúmes dela com o namorado, ninguém nunca soube, nem ela (...) minha descoberta mesmo e aceitação foi aos 14 anos”*

A ética da psicanálise, traz, em Lacan (1986), o desejo como questão, o que implica dizer que ela se abre para uma relação ética com o outro como alteridade, tanto sexualmente como de outras maneiras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo foi traçado mediante a problemática da feminilidade no que se refere à relação da mulher com seu corpo, e, diante disso foi possível constatar uma necessidade emergente de produções científicas, as quais favoreçam uma maior compreensão sobre a temática, possibilitando

uma eventual desestigmatização da homossexualidade feminina, haja vista a escassez de estudos e relevância do tema.

Através da pesquisa qualitativa realizada, embasada no viés Psicanalítico da repetição do significante, este por sua vez, presente no discurso de cada participante, foi possível alcançar o objetivo geral proposto inicialmente, uma vez que, cada análise trouxe consigo um arcabouço de reflexões acerca do enigma da feminilidade, e como este se constitui para cada uma delas.

Dentre os resultados desta pesquisa, foi possível contemplar também outras questões, que se presentificaram no singular dos significantes repetidos nos discursos das entrevistadas, que se apresentam neste estudo em três eixos: O enigma do feminino; O travestir-se no masculino; O “sair do armário”. No primeiro eixo, “O enigma do feminino”, foi possível conhecer a concepção de homossexualidade e a masculinização do corpo em homossexuais femininas e discutir o enigma da sexualidade feminina à luz da teoria psicanalítica. Enigma este, que se constitui, desde Freud, passando por Lacan, e fazendo marca nessas mulheres, como insolúvel, independentemente de suas escolhas de objeto sexual estarem dirigidas para uma outra mulher ou para um homem.

O segundo eixo traz o travestir-se no masculino, e nela foi possível investigar, através da análise do significante que se repete, a relação da imagem corporal e da escolha de orientação homossexual feminina e com isso refletir a importância da imagem corporal masculinizada e a identificação com a homossexualidade feminina, que para elas, não traz relação. Deste modo, pode-se entender que a masculinização do corpo, pelas vestes e pelas ações, atua como uma saída imaginária de portar o falo, de sair do lugar da falta, querem ser uma mulher com poderes corporais a mais que os homens; não abrem mão do ser mulher, haja vista que gostam das insígnias corporais pertinentes a uma mulher; uma mulher com seios e músculos à mostra; uma mulher que sabe como fazer para se proteger e para gozar, que pode até em alguns momentos escolher um homem como parceiro sexual.

O terceiro e último eixo, diz respeito ao momento de decisão de escolha de orientação sexual, conhecido no senso comum para os homossexuais como “sair do armário”. Através do discurso e do espectro das expressões da subjetividade, em sua singularidade, foi possível identificar o lugar de sujeito singular que cada uma ocupa mediante as diversas formas de sexualidade entre o que se considera masculino e feminino. Inferiu-se que, esse momento um avançar frente ao desejo desconhecido, um momento de produzir barulho e sair do silêncio que representa o invisível produzido pelo estar dentro do armário da homossexual/bissexual, sair é, por tanto, assumir uma posição que desafia a instabilidade fluída da identidade e orientação sexual.

Diante o exposto, é possível inferir que há, no ser mulher, uma sexualidade plural onde



existem redes subjetivas de ver essa mulher não apenas fêmea, reprodutora, nem tão pouco feita somente para servir ao homem, e sim, ver um ser capaz de amar, sentir prazer e busca-lo também da forma que lhe satisfaça. Há algum tempo as mulheres estão se libertando do estigma de “Marias” tornando-se elas próprias, faltosas ou imaginariamente complementadas com o portar do falo em seu corpo, e que ainda assim, encontra-se não-toda submetida a função fálica, e assim, para cada sujeito, de forma singular, uma borda que não existe no corpo é traçada, e nela objetos, muitas vezes supostos como pessoas, podem se encaixar e sustentar uma ficção de complementaridade, no caso destas mulheres, as vestes masculinas.

## **ABSTRACT**

The contemporary woman has numerous possibilities to be in the world, taking that into account, this paper discusses by the light of psychoanalysis, in Freud and Lacan, the enigma of the feminine, and the sexuality issues of the homosexual woman, whom searches in the masculinization of the body, her sexual and social identification. This is a research developed in two stages: the first literature review involving the themes of women, homosexuality and masculinization of the body. The second, was developed a field research with homosexual women whom masculinize themselves. The choice of participants was given random, respecting the inclusion criteria, namely: Being a woman, being gay, masculinizing herself, be over 18 and agree to participate. This was a qualitative study whose speech, analyzed the theoretical and ethical support of psychoanalysis, favored the significant repetition in the words of the interviewees. Reading the One to One, it can be inferred, in the speeches of the interviewed homosexual women, repetition, among others, of signifiers, which referred to the female enigma as unsolvable for the subject, regardless of the choice of sexual orientation. As a result was also identified masculinization as an attempt to carry the phallus in the body, and with it, imaginatively, to make the sexual intercourse exist, and the "coming out" as a way to deal with the meeting with the sexual. Meeting that is traumatic for any speaker regardless of which is the choice facing the sharing of the sexes.

**Key words:** Feminine enigma. Female masculinization. Sexuality.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, R. C. B. Além do falo: uma mulher e o gozo feminino. **Psicanálise & Barroco em Revista**, v.9, n. 1, p. 76-93, 2011.

ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

BARROS, A. K. **Repressão social e religiosa e a emergência do movimento LGBT no Brasil.** Revista UNIABEU Belford Roxo, v. 7, n. 17, p. 204- 2014.

CALDAS, H. **A fala e a escrita da mulher que não existe.** **Opção Lacaniana Online**, ano 4, n. 10, p. 4, 2013.

DUNKER, C. **Distinção entre a posição histerica, feminina e masculina.** Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=KF3b9\\_nXqW0](https://www.youtube.com/watch?v=KF3b9_nXqW0)> Acesso em: Agosto de 2016.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Editora Graal, 2001.

\_\_\_\_\_. **M. Os anormais:** Curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 1974-5/2001.

FREUD, S. (1895). **A psicoterapia da histeria.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 2).

\_\_\_\_\_. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 7).

\_\_\_\_\_. (1923). **A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19).

\_\_\_\_\_. (1924). **A dissolução do complexo Édipo.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19).

\_\_\_\_\_. (1933[1932]). **Conferência XXXIII: Feminilidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 23).

FUENTES, M. J. S. **As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino.** Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

GALESI, Z. A., De Freud a Lacan: um passo de saber sobre as mulheres!. **Opção Lacaniana online**, Ano 3, n. 8, p. 3-6, 2012.

LACAN, J. (1957-1958). **O seminário, livro 5: As formações do inconsciente.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. (1958). **“A significação do falo”** In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 700. 25.

\_\_\_\_\_. “**Televisão**” Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_. (1973). O aturdito. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 467, 1998.

\_\_\_\_\_. **Outros escritos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

LARDINOIS, A. **Safo lésbica e Safo de Lesbos**. In: BREMMER, J. (Org.). **De Safo a Sade** – momentos na história da sexualidade. Editora Papirus, Campinas-SP, 1995.

LAURENT, E. Prólogo. O véu e a escolha. In: **A psicanálise e a escolha das mulheres**. Scriptum, MG, 2012, p. 7-12.

LEAL, C. E., MOTA, R. **Mulher e o corpo na sociedade Contemporânea**, CES Revista, v.21 Juiz de Fora, 2007 p.153 - p.163. Disponível em: <[http://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2007/a\\_mulher\\_e\\_o\\_corpo.pdf](http://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2007/a_mulher_e_o_corpo.pdf)> Acesso em: 11 de Abril de 2016.

LOMANDO, E.; WAGNER, A. Reflexões sobre termos e conceitos das relações entre pessoas do mesmo sexo. **Revista Sociais e Humanas**, v. 22, n. 2, p. 1-18, 2009.

SOUZA, E. M.; CARRIERI, A. P. A analítica *queer* e seu rompimento com a concepção binária de gênero. **RAM - Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, n. 3, p. 46-70, 2010.

TARPEY, G. Sair do Armário. In: **O corpo falante**: Sobre o Inconsciente no século XXI. Escola Brasileira de Psicanálise: São Paulo, 2016 p.269-272.

TEIXEIRA, M. R. **A invenção da mulher**. Duetto Editorial, Ver. *Mente e cérebro/Psicologia/Psicanálise/Neurociência*. p. 1-5, 2009. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/a\\_invencao\\_da\\_mulher\\_imprimir.html](http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/a_invencao_da_mulher_imprimir.html)> Acesso em: 30 ago. 2016.

TEIXEIRA, J. **Homossexualidade Feminina: o amor por meio da in-visibilidade?**. Monografia. Graduação em Psicologia, Faculdade Pio X em Aracaju-SE, 2005, publicado em Maio de 2012.

## **ANEXOS**

**Anexo 1**

**DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:**

**SEXUALIDADE FEMININA E MAIS ALÉM: UM ESTUDO COM HOMOSSEXUAIS  
FEMININAS QUE MASCULINIZAM SEU CORPO**

Eu, **JAILMA BELARMINO SOUTO**, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. da Universidade Estadual da Paraíba, portadora do RG: 320.797 declaro que estou ciente do referido Projeto de Pesquisa e comprometo-me em acompanhar seu desenvolvimento no sentido de que se possam cumprir integralmente as diretrizes da Resolução N<sup>º</sup>. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

**CAMPINA GRANDE, \_\_\_ DE \_\_\_\_\_ DE 20\_\_.**

---

**Pesquisadora Responsável**

**Orientadora**

---

**Orientando**

Anexo 2

**TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL EM CUMPRIR OS  
TERMOS DA RESOLUÇÃO 466/12 DO CNS/MS**

**Pesquisa:**

**SEXUALIDADE FEMININA E MAIS ALÉM: UM ESTUDO COM HOMOSSEXUAIS  
FEMININAS QUE MASCULINIZAM SEU CORPO**

Eu, JAILMA BELARMINO SOUTO, Professora do Curso de PSICOLOGIA, da UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA, portadora do RG: 320.797 e CPF: 243.210.954-68, comprometo-me em cumprir integralmente as diretrizes da Resolução N°. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Estou ciente das penalidades que poderei sofrer caso infrinja qualquer um dos itens da referida resolução.

Por ser verdade, assino o presente compromisso.

**CAMPINA GRANDE, \_\_\_ DE \_\_\_\_\_ DE 20\_\_.**

---

**Assinatura da Pesquisadora responsável**

**Orientadora**

### Anexo 3

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, \_\_\_\_\_, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa **SEXUALIDADE FEMININA E MAIS ALÉM: UM ESTUDO COM HOMOSSEXUAIS FEMININAS QUE MASCULINIZAM SEU CORPO.**

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho Sexualidade feminina e mais além: um estudo com homossexuais femininas que masculinizam seu corpo terá como objetivo geral: Analisar a questão da sexualidade em relação a mulher homossexual que se masculiniza através da modelagem do corpo.

Ao voluntário só caberá a autorização para **RESPONDER PERGUNTAS no formato de ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA** e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução N°. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
  - O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
  - Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
  - Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
  - Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número **(083) 987064647** com **PROFESSORA DR<sup>a</sup>. JAILMA BELARMINO SOUTO**
  - Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
  - Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.
-

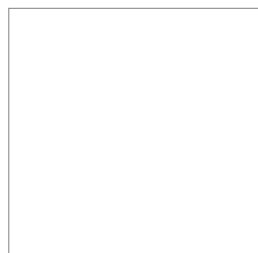


Assinatura do pesquisador responsável

---

Assinatura do Participante

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa  
(OBS: utilizado apenas nos casos em que não seja  
possível a coleta da assinatura do participante da  
pesquisa).



#### Anexo 4

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, \_\_\_\_\_, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada **“SEXUALIDADE FEMININA E MAIS ALÉM: UM ESTUDO COM HOMOSSEXUAIS FEMININAS QUE MASCULINIZAM SEU CORPO”** poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora **JAILMA BELARMINO SOUTO** a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988.
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade da pesquisadora coordenadora da pesquisa **JAILMA BELARMINO SOUTO**, e após esse período, serão destruídos e,
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista. Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução N°. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em

Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

---

Assinatura do participante da pesquisa

---

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

**CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CNPJ: 12.671.814/0001-37**

Rua Baraúnas, nº 351, no bairro Universitário, em Campina Grande – PB

**Anexo 5**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Estamos cientes da intenção da realização do projeto intitulado **“SEXUALIDADE FEMININA E MAIS ALÉM: UM ESTUDO COM HOMOSSEXUAIS FEMININAS QUE MASCULINIZAM SEU CORPO”** desenvolvido pela aluna **MAYANE DE OLIVEIRA SANTIAGO** do Curso de PSICOLOGIA da UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA, sob a orientação da **PROFESSORA DR<sup>a</sup>. JAILMA BELARMINO SOUTO.**

Campina Grande, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

---

Assinatura e carimbo do  
responsável institucional

## **APÊNDICES**

## Apêndice 1

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### FICHA SÓCIO-DEMOGRÁFICA

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Contato: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Orientação Sexual: \_\_\_\_\_

Religião: \_\_\_\_\_ Praticante: ( ) Sim ( ) Não

Estado civil: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Renda familiar: \_\_\_\_\_

#### ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- ✓ O que é sexualidade?
- ✓ O que é orientação sexual?
- ✓ Como “descobriu” sua orientação sexual?
- ✓ Houve mudanças em seu corpo, vestes ou hábitos após a descoberta da orientação sexual?
- ✓ Masculinidade?
- ✓ Feminino?
- ✓ Lugar social?